EAESP/FGV
BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
PERIÓDICOS

UVA

As perspectivas da produção de vinho em áreas irrigadas de Pernambuco são promissoras. A comercialização da uva vinífera, apesar da boa qualidade da colheita, tem sido prejudicada pela recessão.

As indefinições que têm caracterizado a economia brasileira nos últimos anos provocam instabilidade nas mais diversas atividades. Este ano, a vitivinicultura, por exemplo, está enfrentando problemas derivados da fase recessiva da economia, que vêm sendo magnificados pelas peculiaridades da atividade.

Com efeito, a atual safra passou por dois momentos diferentes, no que se refere a seu desempenho no campo e teve comercialização atribulada. Os parreirais gaúchos chegaram a estar muito mal, com as fortes chuvas de janeiro. A uva não conseguia amadurecer, apodrecendo rapidamente, e o produto colhido primeiramente apresentava gradação glucométrica muito baixa.

A partir do fim de janeiro e durante o mês de fevereiro, o clima seco recuperou a qualidade da safra (em meados do mês, o grau glucométrico médio passou de 9º para 13º **brix** em Flores da Cunha, segundo fontes locais) e, no cômputo geral, obteve-se produção abundante (ver Quadro 02) e de boa qualidade. As variedades vinífera tardias, como as **Cabernet Franc** e **Sauvignon**, tintas, deverão propiciar a obtenção de melhores vinhos.

Já em março, a média da gradação glucométrica passou de 15º **brix** para o intervalo de 17º a 20º **brix**. Esta melhoria teve como resultado compras das indústrias maiores do que o esperado. As cooperativas e as vinícolas, segundo estimativa da **Companhia de Financiamento da Produção**, de meados de junho, adquiriram 200 milhões de quilos e, o governo, em torno de 60 milhões.

Os grandes problemas da safra, porém, encontram-se na comercialização. O preço mínimo inicialmente cogitado, de Cz$ 9,20/kg, foi afinal fixado em Cz$ 9,70/kg, provocando profunda divergência entre os produtores rurais (queriam Cz$ 11,00/kg) e as indústrias (de início, desejavam pagar apenas Cz$ 7,00/kg).

As negociações visando à definição do preço mínimo foram excessivamente morosas, o que acarretou sucessivas manifestações de desa-



QUADRO 02 – UVA – PRODUÇÃO DAS SAFRAS 1986/87 E 1987/88

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		PRODUÇÃO (t)		RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)	
	1986/87	1987/88	1986/87	1987/88	1986/87	1987/88
Rio Grande do Sul	39.852	39.839	351.380	541.766	8.817	13.599
São Paulo	9.084	9.568	107.234	96.614	11.805	10.098
Santa Catarina	5.820	5.286	60.000	74.547	10.309	14.103
Paraná	2.225	2.430	24.600	28.565	11.056	11.755
Pernambuco	825	900	11.180	12.600	13.552	14.000
Outras	1.270	1.094	3.020	6.311	2.378	5.769
Total	59.076	59.117	557.414	760.403	9.436	12.863

FONTE – IBGE.

grado dos agricultores. Em razão da rápida perecibilidade da fruta, muitos viticultores perderam parte da primeira colheita e se viram obrigados a vender por preços baixos. Não podiam preservar a integridade da uva por mais de dez dias e o mês de janeiro transcorreu sem a divulgação do preço mínimo.

Na ocasião, a CFP ainda pensava em adquirir de 100 a 150 milhões de kg de uva e procurava, sem sucesso, locais para armazená-la. Segundo fontes da área, em fins de fevereiro, havia espaço garantido para apenas 50 milhões de kg.

Assim, diante da pressão das indústrias e sem poder estocar a fruta, houve vendas a Cz$ 7,00/kg e os agricultores da Serra Gaúcha procuravam vender parte às vinícolas e parte ao governo. Um ano antes, em conjuntura bastante diferente, anterior à forte queda do consumo dos vinhos, no país, as empresas vinícolas pagavam de Cz$ 4,00 a Cz$ 5,00/kg de uva da variedade **Isabel**, sem medir o **brix**, considerando simplesmente que teria atingido bem mais do que a média (ver **Agroanalysis**, volume 12, nº 2, fevereiro de 1988). Nas castas consideradas **nobres**, considerava-se a obtenção de 20º **brix**. Este ano, frutas com 13º **brix** receberam Cz$ 7,00/kg.

As compras do governo foram bem menores do que o imaginado a princípio, totalizando 60 milhões de quilos, abaixo dos 64 milhões de kg comprados em 1982.

A CFP já está fazendo a destilação dos vinhos que comprou de vinícolas com instalações precárias. Transforma de nove a dez litros de vinho em um litro de álcool vínico, o que deverá reduzir a tancagem. Deverá processar bastante da bebida, pois não se antevê recuperação próxima para o mercado. Há possibilidade de se tornar obrigatório o emprego do álcool vínico, em 1989, para a correção dos vinhos, ao invés da mera adição de açúcar.

O impasse com as indústrias permaneceu durante todo o semestre (a colheita do Rio Grande do Sul começou em janeiro) pois a fruta comprada no início do ano só seria paga em junho. Aliás, as vinícolas, temerosas da forte retração do consumo do vinho (36% menor em 1987) este ano, resolveram estabelecer uma **tabela paralela**, sem a correção monetária aplicada aos preços.

Embora mesmo na área governamental houvesse a opinião de que o preço mínimo era elevado para a atual situação do mercado, a ausência de correção acarretava dificuldades para os produtores. A chegada do mês de junho era aguardada com ansiedade, pois se reuniriam as partes envolvidas nas negociações, novamente, para tentar solucionar o problema do preço.

Produção de uva de mesa

A produção gaúcha é bastante associada às indústrias vinícolas. As variedades vinífera são a matéria-prima das indústrias e, conseqüentemente, têm seus preços mais **controlados**. Evidentemente, há benefícios na associação agroindustrial, além da reserva de mercado, pois as vinícolas dão assistência técnica e alguns insumos aos viticultores. Aliás, é tradição que o produtor de uva comum seja ligado às cooperativas e o das variedades vinífera às indústrias.

Há algum interesse da parte do agricultor em diversificar seus parreirais, plantando também para o consumo **in natura**. Afinal, a uva de mesa é mais rentável (ver Gráfico 02) pois é comercializada por preços mais altos e à vista. Contudo, trata-se de um mercado difícil, que exigiria estudos para que o viticultor **escapasse** da época da entrada da safra, quando a fruta, freqüentemente, atinge preços irrisórios. Assim, para os produtores gaúchos, é difícil incrementar a produção de uva de mesa. Nas regiões mais próximas dos grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e, mesmo, Distrito Federal, é mais fácil. Cabe registrar que, de fato, o plantio da uva tem-se expandido nas unidades da Federação cuja produção ainda não permite sua individualização no acompanhamento sistemático da produção agrícola, feito pelo **IBGE**, que as engloba na discriminação **outras**. Desde alguns anos, têm-se destacado pelo crescimento da viticultura (embora partindo de plantio modesto) os estados da Bahia e do Rio de Janeiro, conforme registrado na **Produção Agrícola Municipal**, do **IBGE** (ver Quadro 03).

O maior incremento no cultivo da videira tem-se verificado em Pernambuco que, em dez anos, multiplicou por seis sua área plantada e, este ano, começou a colocar seu vinho no mercado. Segundo o **Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho**, da **Embrapa**, o fato de as lavouras irrigadas pernambucanas terem tido êxito no fornecimento de uvas de mesa retardou o início da produção de vinho na região, atividade que também parece destinada ao sucesso, nos próximos anos.

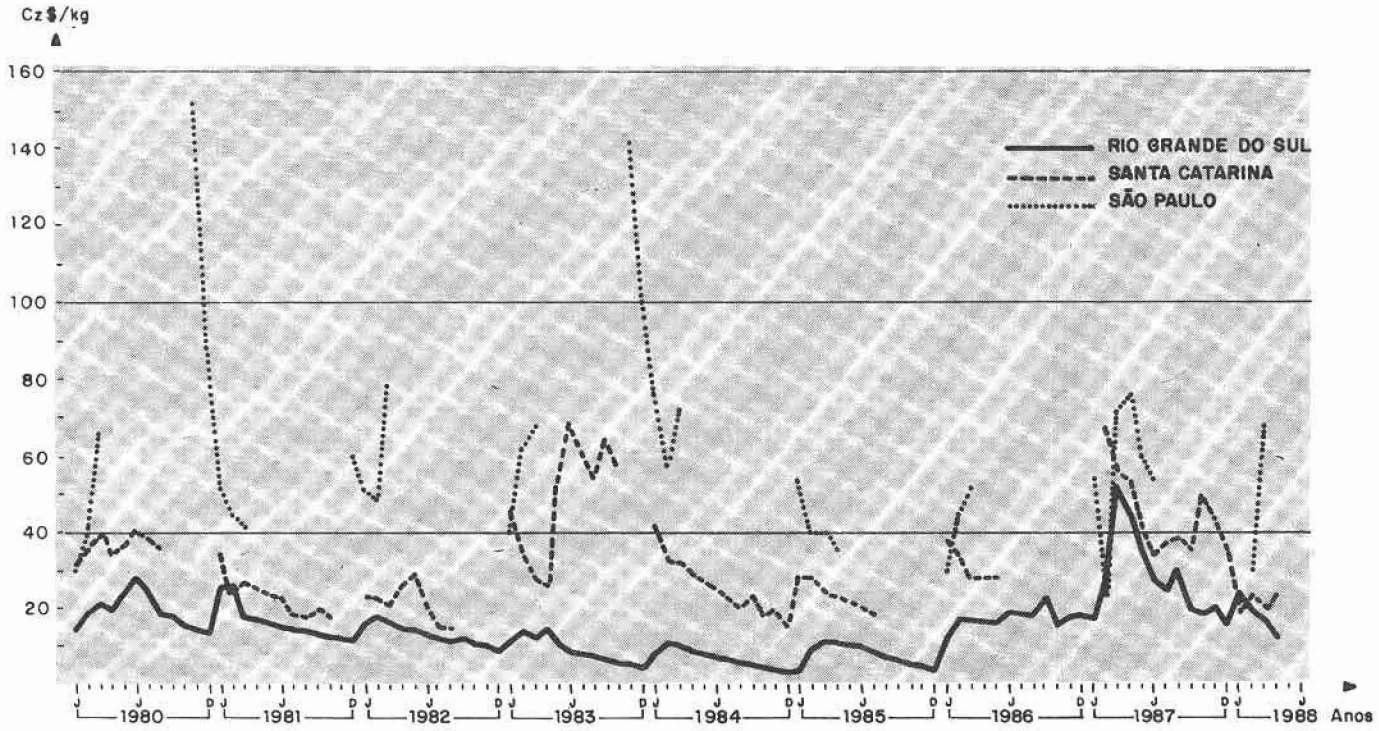
Para a colheita de meio de ano, segundo a agência do **IBGE** de Petrolina, estarão disponíveis 125 ha naquele município e 450 ha em Santa Maria da Boa Vista, município em que se iniciou a produção vinícola.

Em São Paulo, segundo maior produtor brasileiro de uva, quase totalmente destinada ao consumo de mesa, a situação da safra também foi boa. Na região de Jundiaí, há cerca de 25 milhões de pés de uvas **Niagara**[1] que produziram, na safra colhida em janeiro, 10 milhões de caixas de 7 kg da fruta. Embora os preços recebidos pelos produtores tenham oscilado bastante, desde então, a **Casa da Agricultura** da região acredita que, em média, devem ter sido os

1 Garcia Braga, Fortunato, A Cultura da Uva Niagara Rosada, Livraria Nobel, 1988.

UVA – PREÇOS RECEBIDOS[1] PELOS PRODUTORES NO RIO GRANDE DO SUL, SÃO PAULO E SANTA CATARINA – 1980-88
(Cz$/kg)

GRÁFICO 02



FONTE – FGV/Ibre/Cea.

[1] **Corrigidos pelo IGP-DI, para abril de 1988.**

QUADRO 03 – UVA – PRODUÇÃO NO BRASIL – 1976-86
(Em t)

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Ceará	13	13	13	13	13	9	8	8	9	9	9
Rio Grande do Norte	–	1	2	2	2	–	–	–	–	–	–
Paraíba	150	150	150	150	150	150	150	181	214	212	212
Pernambuco	1.593	1.971	1.796	1.976	4.367	4.590	6.440	6.492	8.636	7.723	10.996
Bahia	250	244	143	150	160	160	179	199	222	822	1.322
Minas Gerais	7.100	8.035	6.709	6.824	7.391	2.391	2.609	4.305	887	2.084	2.728
Espírito Santo	482	518	447	462	465	482	470	448	440	450	446
Rio de Janeiro	66	66	54	44	40	29	265	254	246	213	213
São Paulo	146.540	131.400	133.000	149.306	149.000	146.360	149.040	141.460	110.066	101.268	96.895
Paraná	15.967	15.396	15.652	17.183	19.184	17.636	19.258	19.551	19.675	21.529	21.927
Santa Catarina	53.859	59.896	57.328	65.104	44.428	75.757	80.565	57.087	72.532	75.546	64.972
Rio Grande do Sul	402.000	442.000	451.300	462.600	220.761	415.585	429.944	347.495	390.245	502.326	395.125

FONTE – IBGE.

melhores dos últimos dez anos. Cabe destacar que as perdas provocadas pela precipitação de granizo em outubro passado não tiveram grande influência na produção. Com efeito, foram muito localizadas e, embora as áreas afetadas tenham tido as plantações dizimadas, o desfalque no total colhido foi mínimo.

Os parreirais paulistas beneficiaram-se do clima do início do ano, diferentemente do ocorrido com os gaúchos. Este ano, praticamente não choveu no pico da safra (janeiro) ao contrário do que houve em 1987, o que facilitou sobremaneira a colheita e a comercialização, em razão da melhor qualidade do produto.

Situação atual do mercado

A confusa situação do mercado gaúcho parece ter sido solucionada, apenas a partir da última reunião dos produtores com a indústria, na tarde de 30 de junho. Finalmente, segundo o **Sindicato dos Trabalhadores Rurais** de Bento Gonçalves, depois de inúmeras manifestações de protesto dos viticultores e de pressão das vinícolas sobre o governo (preocupadas com os rumos do mercado do vinho, alegavam não possuir capital de giro sequer para pagar a tabela paralela) para o estabelecimento de um redutor nos EGF contratados, as indústrias concordaram em pagar o preço da tabela com a correção monetária mensal.

O redutor do EGF seria uma concessão dificilmente obtida, dados os problemas agudos do orçamento da União, profundamente pressionado por outras exigências (também no caso do Rio Grande do Sul, há reivindicações de subsídios para o arroz, por exemplo).

O mercado do vinho, porém, permanece em crise, suscitando iniciativas promocionais e o lançamento de novos produtos, em que se destacam os vários tipos de **coolers** (já produzidos no Rio Grande do Sul e São Paulo) e vinhos filtrados em garrafa pequena (de produção mineira).

Há que destacar a ansiedade quanto à possível importação da bebida da Argentina e à redução da alíquota do **Imposto de Importação** justamente em período de grandes indefinições no mercado interno.

A alternativa do mercado externo ainda é incipiente e enfrenta entraves de difícil superação, no curto prazo (ver box).

Breve começarão a ser divulgadas informações quanto à poda dos parreirais e à repercussão do inverno frio sobre os vinhedos. Um novo ciclo produtivo definir-se-á, em grande parte, sem que se tenham dissipado todas as dúvidas que afligem os agentes econômicos envolvidos na atividade.

"Com um desempenho excepcional em termos nacionais em 1986, quando atingiram US$ 3,1 milhões, as uvas produzidas no Brasil já estão sendo consumidas no Canadá, Países Baixos, Inglaterra e Estados Unidos, graças sobretudo à qualidade que, nas variedades Itália e Rubi, é considerada excelente e adequada aos padrões internacionais.

O problema maior, além dos aspectos de conservação, tem sido a falta do produto, uma vez que o ciclo de produção da uva não permite um rápido ajuste à demanda. Mas há soluções ou remédios a caminho: videiras no Vale do São Francisco estão dando até duas safras e meia por ano, com rendimento de 40 toneladas de uvas finas por hectare.

São possibilidades a serem exploradas com rapidez porque o Brasil ainda está longe dos limites do mercado: as 700 mil caixas exportadas em 1986 parecem irrisórias se comparadas com as 50 milhões de caixas vendidas pelo Chile e as 6 milhões despachadas pela África do Sul no mesmo ano".

EXIGÊNCIA DOS IMPORTADORES

- *bagas grandes*
- *racimos de até 1 kg*
- *ausência de bagas manchadas*
- *racimos cônicos e com bagas de tamanho uniforme*
- ***brix** adequado e baixa acidez*
- *nos **EUA**, atendimento do tratamento fitossanitário exigido pelas autoridades locais (**cold treatment**)*

MELHORES VARIEDADES

- *boa aceitação para **Itália** verde e **Rubi***
- *alto interesse por uva sem semente, principalmente nos **EUA** e **Canadá***

PRINCIPAIS PROBLEMAS

- *desgranação*
- *resíduo de cobre nas bagas (calda bordaleza)*

EXPORTAÇÕES DE UVA

1986		1987	
kg	US$	kg	US$
2.928.103	3.151.999	1.247.134	1.320.633

(in Revista Cacex, ano 23, nº 1.074, maio de 1988)